



FIOS DE LUZ
NARRATIVA SERRANA

JÚLIO MARQUES

FOLHA DE SALA

“De tudo me alheei desde então, mas, porque em mim se não desvaneceu ainda o velho e forte amor pelo Gerêz, dei-me agora ao trabalho de rebuscar e coligir nos meus papéis de outros tempos e noutros posteriormente consultados o que nêles houvesse ainda, talvez, de aproveitável e útil para quem um dia com mais competência do que eu, disso se possa servir como subsídio e com proveito.”

Tude de Sousa, 1926.

DA EXPOSIÇÃO

O trabalho do Júlio Marques há muito que estava referenciado pela Casa do Capitão. Não só pela afinidade profissional e complementaridade de objetivos de trabalho partilhados, mas sobretudo pelo facto do **Júlio Marques** ser hoje, sem dúvida, um Barrosão adotivo e um Fafioto por direito próprio. Em Fafião, pura aldeia geresiana do Barroso Ocidental, o Júlio incontestavelmente encontrou a sua clareira heideggeriana, a sua *licht* (luz) e... a sua sombra. Como o próprio refere “hoje não reconheço mais a pessoa que era antes de me embrenhar nos seus [Parque Nacional Peneda-Gerês] encantos”. A “metamorfose” a que alude fê-lo encontrar o seu Ser, a sua individualidade, o seu lugar no mundo, permitindo a todos nós partilhar da sua “felicidade” enquanto fotógrafo, enquanto pastor de rebanhos livres, cuidador da natureza imaculada.

Do ponto de vista da Ecomuseologia, o percurso de vida do **Júlio Marques** é revelador de vários aspetos que não podem deixar de ser mencionados. Por um lado, a demonstração inegável do poder do meio físico e social no desenvolvimento humano. Seja através da Natureza como escape transitório, como espaço ritualístico, como laboratório do engenho humano ou como espaço de puro deleite contemplativo, é inegável o poder regenerador proporcionado pelas extensas áreas naturais do nosso planeta. Por outro lado, em contiguidade com a Natureza, as relações humanas são percecionadas como uma escolástica do reencontro. E aqui, o reencontro assume diversas formas: com o divino, com a memória, com outrem ou connosco próprios.

O aporte oferecido a Barroso por exemplos de integração social, de que o **Júlio Marques** é exemplo, é prova da espantosa capacidade de regeneração de um território cujos duros desafios, presentes e futuros, necessariamente a reorientam para lá das suas fronteiras físicas, numa busca constante de um devir construído diariamente. Sendo o Ecomuseu de Barroso feito de pessoas e por pessoas, a sua proveniência é, do ponto de vista formal, pouco relevante. Realmente importante é o contributo que cada um dá, dia após dia, para a manutenção de uma certa utopia que ainda mantém intacto o poder de encantar o incauto neste Reino Maravilhoso.

A exposição *Fios de luz*, tem como ponto de partida um desafio colocado ao Júlio Marques em janeiro de 2023. Numa primeira conversa, foi sugerido ao autor um exercício reflexivo tendo por base a sua experiência de vida desde o seu encontro com a cultura geresiana de Fafião, sobretudo a partir de 2014. Desde o início do contacto ficou claro que *Fios de luz* teria necessariamente de ser muito mais do que uma exposição de fotografia.

A técnica refinada do fotógrafo e a estética cuidada estão, obviamente, presentes nos seus trabalhos, porém, importava ir mais além.

O conhecimento como construção emanada da experiência aliado à prática fotográfica como catarse espiritual, impeliram o **Júlio Marques** a efetuar uma retrospectiva dos últimos anos da sua vida.

Neste entretanto, como o próprio refere “a Montanha [...] muda a nossa forma de viver” e é precisamente no poder da mudança que Fios de luz tece sua linha condutora, perceptível através da construção de um argumento subjacente às imagens criadas. Se a presença da fotografia oferece um campo visual de inconfundível apelo a narração sonora, realizada pelo próprio autor especificamente para este projeto em parceria com a banda Urze de Lume, tem a singularidade de proporcionar ao público generalista o contacto com o processo sincrónico onde se funde o meio físico, o homem e a técnica.

Ao alargar os campos da exposição fotográfica, propondo a complementaridade de outros suportes, o Ecomuseu de Barroso valoriza não apenas o trabalho especulativo do fotógrafo, mas sobretudo as experiências sociais que lhe dão profundidade e contexto.

Fica então o convite para a imersão nesta viagem, tendo como guia o **Júlio Marques**.



FIOS DE LUZ

Fios de Luz é uma experiência serrana, retrata um pouco da alma de Montanha que reside em mim, e que, por vezes, como foi o meu caso, muda a nossa forma de viver. Sou um afortunado, a serra deu um sentido lírico à minha vida, moldou-a de tal forma ao longo destes dez anos que hoje não reconheço mais a pessoa que era antes de me embrenhar nos seus encantos. Em 2014 conheceria o Gerês, cansado dos hábitos da cidade, na procura de um refúgio da imensa intensidade e toxicidade da vida urbana, um escape ao stress. Nasceria uma paixão arrebatadora que funcionaria como um íman de magnetismo extremo. A exposição é apenas um pequeno detalhe, um fragmento das milhares de vivências, sentimentos e escritos que me inspiraram ao longo destes anos, numa mistura entre o registo e pensamento. 2016, volvidos apenas dois anos desta paixão, deixaria a cidade para me embrenhar no mundo serrano e no mundo rural. Experiência que trouxe a luz que necessitava para ser o portador da felicidade que carrego.

6

Viver no Parque Nacional, virar os nossos polos do avesso e começar do zero. O medo de falhar aproximou-me mais da serra, inundou-me de sentimentos neste isolamento inicial.

Tudo deixado para trás, num cemitério urbano mental, a procura dos fios de luz da minha vida começaram nesse exato momento em que abres os horizontes e saís da caixa, da tua cápsula protetora, do teu cubo, da tua zona de conforto.

A Serra faz homens, os povos da serra são diferentes dos povos do mar, diferentes dos povos urbanos. A rudeza sente-se num fio de navalha, e a minha metamorfose começa nessa grande viagem, transformadora, tal como o estava a ser na compreensão da fauna, da flora, da geografia e da história do Parque Nacional, onde adquirir o conhecimento necessário para o atravessar de lés a lés como se fossem as velas da minha aldeia. Quatro Serras majestosas, e a cada uma dedicada um sentimento diferente, a par da vida de um urbano que se transformou num autêntico serrano abraçado pela aldeia que o viu renascer. Há um elo enorme na forma como acolhemos e somos acolhidos, e no delicado do trabalho que vamos exercendo sobre nós, na representação de uma comunidade, que é a minha função dentro deste Parque. Talvez a minha sensibilidade tenha ajudado a moldar também a serra, gosto de acreditar nesse acrescento, no impacto que temos sobre os outros no dia-a-dia e no entranhar do que é a partilha de conhecimentos e formas de ser e estar. Na minha metamorfose chorei sentimentos, chorei solidão, chorei a alegria das amizades ganhas, da diferença dos povos na hora de agradecer, na cautela que necessitei e nas forças que tive para me ambientar a esta diferente realidade e meio que não eram o meu.

Entre o desligar urbano e o ligar serrano houveram dias negros onde os meus escritos se amplificaram e o crescimento se deu.

Nem tudo são rosas, nem tudo são espinhos, aprendemos a contornar os espinhos e a não cheirar demasiadamente as rosas.

A serra amansa e dá novos ritmos aos nossos pensamentos, hoje ela é a minha inspiradora casa, é uma afeição nunca antes experienciada, pois nunca sentira isto por lado algum, este amor.

Uma década de subidas e descidas à montanha, de milhares de quilómetros percorridos, de milhares de silêncios ruidosos em pensamentos sentidos, hoje fincada em memória no que foi um caminho trémulo do passado, e que agora se converteu num caminho de confiança e de alguma sabedoria.

Partilho a minha visão da serra, carregada de fios de luz, onde está cravada a verdadeira imagem das quatro estações da terra e a aspereza e rudeza do granito, que serve de manto a todo o Parque Nacional, de abrigo aos pastores e de casa a todos os seus povos humanos. a dezenas de espécies no seu interior e à sua proteção. É um dos seus elementos fundamentais e por isso, talvez, o tenha representado com o devido respeito e relevância que o dignifica. As pedras do Parque são o sustento deste território e de tudo o que se desenvolve à sua volta. Em Fios de Luz perceberemos a importância da luz nos tons menos alegres dos céus drásticos e dramáticos que caracterizam o Parque e o seu ambiente bucólico e isolado de outono e inverno. Uma melancolia que convida ao aconchego.

“A SERRA AMANSA
E DÁ NOVOS RITMOS
AOS NOSSOS
PENSAMENTOS...
...NUNCA SENTIRA
ISTO POR LADO
ALGUM, ESTE AMOR.”



BIO

Nascido em Espinho, formado em Marketing Digital e Design Gráfico trabalhou para grandes empresas na área da alta relojoaria e joalheria de luxo e também se estendeu pela área da decoração de interiores. Em 2017 trocou o mundo urbano pela serra, deixando a cidade onde residia, a Maia, pela aldeia de Fafião inserida no Parque Nacional da Peneda-Gerês. Da sua obra constam inúmeros projetos ligados ao Turismo Sustentável e a edificação de um projeto de Marketing conhecido como “Aldeia de Lobos”. Desenhou as estátuas da freguesia de Cabril que são hoje orgulhosamente as portas de entrada do território de Montalegre dentro do Parque Nacional da Peneda-Gerês que é a sua grande Paixão.

Essa paixão pelo Parque Nacional nasceu em 2014 quando o começou a percorrer de lés a lés, tendo hoje um enorme conhecimento técnico e geográfico de todo ele. Trabalha na atualidade como funcionário do Ecomuseu de Barroso, polo de Fafião, Vezeira e a Serra, e para a Associação Vezeira de Fafião desenvolvendo projetos e ajudando os habitantes da aldeia numa espécie de loja do cidadão. Como hobby para além do Trekking de alta Montanha tem a fotografia, e nesta conjugação de fatores um fascínio pela Cabra Montês cujos grupos estuda e segue com frequência. A escrita fez sempre parte da sua vida ampliada nos últimos anos pelo forte sentimento que nutre pela serra e pela Montanha.

“A SERRA DEU UM SENTIDO LÍRICO À MINHA VIDA

Créditos da música:

Pastora de Pedras (música de Ricardo Brito).
Urze de Lume, *Ventos da Terra Fria*, 2022.

